

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 57-70.

FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA NA VISÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS: “USE COM MODERAÇÃO”

(MOVIES IN HISTORY TEACHING IN VIEW OF THE TEXTBOOK: "USE WITH MODERATION")

DRA. VITÓRIA AZEVEDO DA FONSECA

Professora da Rede pública de ensino do Estado de São Paulo

vitoria.azevedo@gmail.com

RESUMO: Considerando a complexidade em torno da elaboração e consumo dos livros didáticos, a análise proposta neste artigo está circunscrita às orientações presentes nos manuais escolares voltados aos docentes, no que diz respeito ao uso de filmes em sala de aula. É perceptível, na análise, a crescente tentativa de estabelecer diálogos com as produções específicas sobre o tema, criando uma face mais especializada às orientações. Por outro lado, também podemos identificar o diálogo estabelecido com essa produção acadêmica e a reprodução de discursos acriticamente, através do tipo de orientações e abordagens propostas nos manuais.

PALAVRAS-CHAVE: livro didático, filme, ensino de história

ABSTRACT: This article analyzes the guidelines of textbooks for teachers on the use of movies in the classroom. Textbooks establish a growing dialogue with the academic production and this can be perceived through your analysis. On the other hand, the books uncritically repeated speeches about the care in the use of movies in the classroom.

KEYWORDS: Textbooks, movies, historical teaching.

INTRODUÇÃO

Os livros didáticos são materiais de difícil definição. Eles possuem especificidades pois são produzidos e consumidos de maneira complexa, com várias facetas. Além de uma mercadoria, inserida numa lógica de mercado, é também suporte de conhecimento escolar, com interferências estatais. Além de um veículo de sistema de valores também é passível de diversos usos e interpretações. Ao mesmo tempo em que reproduz conhecimentos escolares, também é um importante produtor de culturas escolares. Nesse sentido, é um “objeto cultural complexo”.

Os livros didáticos no Brasil, como objetos de pesquisa, têm ganhado espaço privilegiado, em função, principalmente, da sua centralidade em diversos ambientes, no processo de ensino aprendizagem.

Muito criticados, muitas vezes considerados os culpados pelas mazelas do ensino de História, os livros didáticos são invariavelmente um tema polêmico. Diversas pesquisas têm revelado que são um instrumento a serviço da ideologia e da perpetuação de um ‘ensino tradicional’. Entretanto, continuam sendo usados no

trabalho diário das escolas em todo o País, caracterizando-se pela variedade de sua produção, e, ao serem analisados com maior profundidade e em uma perspectiva histórica, demonstram ter sofrido mudanças em seus aspectos formais e ganho possibilidades de uso diferenciado por parte de professores e alunos (BITTENCOURT, 2004, p.300).

Analisados a partir de seus aspectos ideológicos, aos poucos os pesquisadores voltaram-se para o conteúdo, refletindo sobre a adequação dos livros, as relações estabelecidas com o conhecimento acadêmico, a incidência de determinados temas, a presença de leituras preconceituosas, a permanência de estereótipos, dentre outros aspectos. De acordo com Bittencourt, essas análises buscam superar as visões que, numa classificação ideológica dos livros didáticos, não aprofundam na sua compreensão:

O estágio atual demonstra que as análises têm buscado ultrapassar as constatações de seu caráter ideológico, cuja denúncia é importante, mas não conduz a uma compreensão mais significativa dessa produção. As preocupações atuais recaem na compreensão das relações entre conteúdo e livro didático como

mercadoria, dos vínculos entre políticas públicas educacionais e os processos de escolha desses livros pelos professores e dos diferentes usos que professores e alunos fazem do material (BITTENCOURT, 2004, p.306).

Nas análises voltadas para os livros didáticos, diversas possibilidades são viáveis. Alain Choppin, por exemplo, indica o caráter polifônico desse tipo de publicação, que pode ser analisado a partir das suas diferentes funções, destacando a avaliação do processo de aquisição de saberes; funciona como facilitador na organização de diversos tipos de documentos; pode facilitar a assimilação dos estudantes a partir da diversidade de formas, cores, imagens e gráficos.

Outro aspecto a ser considerado (Michel Apple) é a atenção para a desqualificação dos professores a partir dos materiais didáticos. Ou seja, considerando uma formação deficitária a produção de uma imensa quantidade de materiais é justificada e produzida para suplantarem o conhecimento dos docentes.

Para análise dos livros didáticos, de acordo com Bittencourt, três aspectos devem ser observados: forma, conteúdo histórico escolar e conteúdo pedagógico. Na forma, é uma mercadoria cujo público

alvo implícito é o professor (que vai escolher) e que obedece às regras do Estado. Em termos de conteúdos históricos escolares, “A importância do livro didático reside na explicitação e sistematização de conteúdos históricos provenientes das propostas curriculares e da produção historiográfica.” (BITTENCOURT, 2004, p.313). As pesquisas sobre a “recepção” dos livros didáticos apontam para leituras diversas e usos diversos dos livros. O texto do livro didático tem a contradição de, ao mesmo tempo que é feito para o aluno, é pensado a partir da necessidade de intermediação do professor, gerando, ao contrário, um aprisionamento. Em relação aos alunos, apesar de ser considerado um objeto importante, raramente é consultado de maneira livre.

Na atualidade, a produção de livros didáticos perpassa as problemáticas em torno do PNLD que incentiva a produção editorial. Com as mudanças curriculares da década de 1980, novas propostas foram possíveis, e, também, um novo espaço foi aberto para as editoras. Assim, observou-se um boom no campo editorial, principalmente depois do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático, 1985) e do sistema de compras de livros.

Observando-se a cronologia das ações do governo brasileiro em relação ao livro didático, constata-se que, embora a estruturação de um programa de avaliação determinante dos processos de compra seja algo relativamente recente, o estabelecimento de uma política pública para o livro didático remonta ao Estado Novo, quando se instituiu, pela primeira vez, uma Comissão Nacional de Livros Didáticos, cujas atribuições envolviam o estabelecimento de regras para a produção, compra e utilização do livro didático (MIRANDA; LUCA, 2004, p.124).

Durante o regime militar, houve “incentivos” e interesses econômicos/ideológicos na produção de material didático. Muitos trabalhos analíticos enfatizavam as “falsificações” dos livros didáticos e as intenções de formar cidadãos acríticos.

Sob o período militar, a questão da compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento específico do poder público em contextos diferenciados — 1966, 1971 e 1976 —, todos marcados, porém, pela censura e ausência de liberdades democráticas. De outra parte, esse momento foi marcado pela progressiva ampliação da população escolar, em um movimento de massificação do ensino

cujas consequências, sob o ponto de vista da qualidade, acabariam por deixar marcas indeléveis no sistema público de ensino e que persistem como o seu maior desafio (MIRANDA; LUCA, 2004, p.125).

A partir de 1996 iniciou-se um debate mais intenso e foi criado editais para inscrição no programa e, os livros seriam avaliados sob diferentes olhares. Aos poucos o sistema de seleção foi sendo aprimorado e passou a ser avaliado a coleção didática (ex. 5ª a 8ª série). Esse processo de classificação e avaliação gerou resultados positivos na qualidade das obras. E, não ser aprovado na lista do MEC tornou-se um problema para as editoras. Os livros didáticos passaram a ser uma *mercadoria* sujeita às exigências do mercado.

...se é certo que todo e qualquer processo de avaliação é problemático e sempre pode ter seus critérios questionados, é também evidente que no caso em apreço há um complexo jogo que atende a interesses bem definidos e que nem sempre se pauta por preocupações de ordem exclusivamente acadêmica (MIRANDA; LUCA, 2004, p.131).

Considerando a complexidade em torno da elaboração e consumo dos livros didáticos, a análise proposta no presente texto está circunscrita às orientações presentes como complementos voltados aos docentes, no que diz respeito ao uso de filmes em sala de aula. É perceptível, na análise, a crescente tentativa de estabelecer diálogos com as produções específicas sobre o tema, criando uma face mais especializada às orientações. Por outro lado, também podemos identificar o diálogo estabelecido com essa produção acadêmica e a reprodução de discursos acriticamente, através do tipo de orientações e abordagens propostas nos manuais.

Para a presente análise, escolhi sete coleções de livros didáticos voltados para o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram analisadas as orientações para os professores, denominadas de diferentes formas, dependendo da coleção, no que diz respeito à utilização de filmes em sala de aula. Todos os livros escolhidos estão listados no PNLD 2014 e, portanto, disponível para utilização atual. Nessas orientações, organizadas de diferentes formas, chama a atenção, no entanto, a incidência do uso de termos de advertência, tais como “cuidado”, “preocupação”,

“Inadequado”, “atenção”, “limites”, no que diz respeito ao uso de filmes em sala de aula.

A coleção **Saber e Fazer História**, de Cotrim e Rodrigues (2012), nas orientações para os professores, chama a atenção para alguns cuidados que devem ser observados pelo professor. Em primeiro lugar, os professores devem assistir e conhecer aos filmes. Compreender que o mesmo é um “recorte da realidade”, além disso, observar os elementos constitutivos da linguagem cinematográfica, as representações visuais, os diálogos, os sons, etc. E propõe perguntas que direcionam para a compreensão do próprio filme:

Que conflitos são narrados e sob qual perspectiva?/Que imagens o autor utiliza para representar as questões e os temas abordados?/Como as personagens vivenciam suas experiências?/Qual o peso da presença de "heróis" protagonistas? Que valores elas expressam?/Há um caráter de denúncia ou compromisso com a versão de um personagem ou grupo social?/Como é abordada a temporalidade no filme? A partir das experiências das personagens?/O que é presente/passado/futuro nessa obra? (COTRIM; RODRIGUES, 2012, p.120).

Cotrim e Rodrigues indicam uma metodologia para o uso dos filmes em sala de aula que envolve, em primeiro lugar solicitar que os alunos assistam ao filme em casa, preencham uma ficha técnica com principais dados dos filmes, registre os elementos significativos, relacione-o com tema estudado e, por fim, elabore uma sinopse crítica. Para o professor, indica leituras, dentre eles, um texto de Morán, no qual apresenta os “usos inadequados em sala de aula”. É interessante ressaltar que este autor é citado apenas nesta coleção, dentre as analisadas aqui.

Na coleção **Para entender a História** (DIVALTE, VARGAS, 2012), no item “Sugestões para trabalho com filmes, quadrinhos e jornais”, é indicado que os filmes são importantes recursos, mas, no entanto, seu uso requer cuidado. O autor chama atenção para esses cuidados que envolvem o bom planejamento da atividade. Sugere a orientação da assistência ao filme com roteiros prévios e debates posteriores. E alerta que assistir ao filme integralmente pode ser desaconselhável. O autor apresenta ainda um exemplo de atividade que envolve o debate sobre o tema do filme, preparando os alunos e direcionando o olhar para aqueles aspectos considerados importantes pelo professor.

Onde se passa a história?/Quem é o narrador?/Qual a finalidade dos franciscanos?/O que é heresia?/Nome da seita dos hereges?/Por que o homem não deveria rir?/Qual era o livro relacionado com as mortes?/Quem tinha acesso ao livro?/Quem frequentava a biblioteca?/Relação entre camponeses e mosteiro?/Pesquise a vida e a obra de Umberto Eco.

É interessante observar que dentre os livros indicados na bibliografia deste material, não aparecem autores com reflexões exclusivas.

Na coleção **Projeto Araribá** (APOLINÁRIO, 2010), em um item intitulado "O cinema nas aulas de história", aos leitores são apresentadas as vantagens da utilização de filmes em sala de aula:

O cinema é uma rica fonte de conhecimento para todas as disciplinas escolares e uma possibilidade interessante de trabalho em sala de aula. As atividades envolvendo cinema oferecem aos alunos a oportunidade de lidar com uma diferente linguagem midiática para tratar dos temas estudados, permitem desenvolver a análise dialógica do educando com o mundo contemporâneo e auxiliam na compreensão do imaginário e símbolos do

mundo moderno, em que se insere a própria cultura escolar (APOLINÁRIO, 2010, p.29).

No entanto, apesar das possibilidades, é preciso estar atento para as dificuldades e limites desse meio, alerta a autora. Assim como outros autores, ela indica alguns itens que requerem atenção do professor. Em primeiro lugar, estar preparado para o filme e "direcionar a leitura". Sugere que os filmes podem ser trabalhados em três temporalidades, sendo elas a da “história narrada”; a do “período da produção” e o “momento em que é assistido”.

A autora ressalta a importância de, ao assistir a um filme, comentar detalhes que poderiam passar despercebidos. E indica, ao longo do livro, sugestões para usar os filmes de maneira “adequada”. Dentre os procedimentos de análise, indica a necessidade de “preparar” a turma para o filme, assistir ao filme com pausas pontuais, observar a trilha sonora, estabelecer relações entre a fotografia do filme e outras representações, dentre outras.

É interessante pontuar uma diferença em relação aos anteriores. Aqui, aparece o uso do termo “temporalidades” na análise do filme o que pode enriquecer a leitura. E ressaltamos que, na bibliografia,

são citadas obras específicas, como a de Marcos Napolitano. Nesse aspecto, consideramos que a autora estabelece um diálogo, mesmo que indiretamente, com a produção acadêmica especializada no tema.

Na coleção **Encontros com a História** (ANASTÁCIA; RIBEIRO, 2012), em aparte intitulado “Manual do professor”, a autora cita os PCN História na indicação de que filmes podem ser uma boa leitura, assim como livros. Mas, alerta, utilizar filmes em sala de aula requer “cuidados”. E, dentre esses cuidados, está a orientação de que o filme precisa ser visto pelo professor antes de ser exibido para evitar um uso inadequado. Além disso, a atividade precisa ser planejada, que seja estabelecido um “roteiro que guie a leitura”, para melhor aproveitamento, pois os alunos podem não perceber aspectos importantes. Além disso, os autores advertem que um filme “não é expressão pura da verdade” pois traz marcas do seu tempo. Eles não são a “reprodução exata daquele tempo”. Ou seja, para que utilizar filmes no ensino seja produtivo, esse uso deve ser bem planejado. As autoras trazem como referência, as obras de Marcos Napolitano e Marc Ferro, a quem atribuímos a ideia de que filmes podem ser “boas leituras”. Análise esta que é pouco recorrente nos outros textos analisados aqui.

O autor da coleção **História, Sociedade e Cidadania**, Alfredo Boulos (2012), inicia suas orientações com uma pergunta: "O cinema serve ao professor de História?" e responde que “sim”, mas, “de maneira peculiar”. Que maneira peculiar é essa? O filme, segundo apresenta, é uma "representação" que o espectador comum não "nota". O autor ressalta alguns pontos significativos para que o professor esteja atento: O filme é fonte; é um ponto de vista; é preciso dizer aos alunos que não é a realidade; E, o filme revela mais da sua época do que o que pretende retratar.

Além desses, indica outros cuidados: para usar um filme são necessárias muitas horas de preparo, clareza da época em que foi feito, de que filme de ficção se comunica por meio de procedimentos artísticos, dentre outras considerações. E conclui que, é necessário levar em consideração esses aspectos para que o filme possa ser aproveitado duplamente: como arte e como fonte para conhecimento. O autor não apresenta orientações sistematizadas, mas, é interessante que ressalte o aspecto artístico do filme. Dentre suas referências não aparecem autores específicos.

Na coleção **Perspectiva Histórica** (MOCELLIN, CAMARGO, 2012), os autores afirmam que os filmes no ensino de história “oferecem boas possibilidades” e,

diferente de outras abordagens, apontam para a necessidade de ênfase no processo de produção do conhecimento histórico e, da mesma forma, o processo de produção de filmes. Nesse sentido, os filmes deveriam ser analisados como frutos de seu tempo. É interessante ressaltar que um dos autores do livro tem outras publicações nas quais aborda a temática do uso de filmes em sala de aula.

E, nesse sentido, é considerável que não adotam a mesma postura de “alerta” para os “perigos” do uso de filmes, apesar de ressaltarem que, como qualquer outra atividade, exige planejamento. Eles sugerem alguns pontos a serem pesquisados pelos alunos que envolvem o contexto de produção dos filmes, o autor e a aceitação do filme. Além disso, indicam o levantamento de informações gerais sobre os processos históricos apresentados e, chama atenção para identificar o que é “ficção” no enredo e as “idealizações” dos personagens. Apesar das ressalvas em relação ao uso dos termos, podemos argumentar que a proposta visa o olhar mais atento aos aspectos historiográficos do filme e a necessidade de compreender os mecanismos de elaboração dos mesmos. "Esse exercício visa à compreensão da obra e da realidade que ela produz, para que, ao dominar essas informações básicas, os

alunos estejam aptos a ler a obra e a discutir suas propostas" (MOCELLIN, CAMARGO, 2012, p.13)

Dentre as obras analisadas aqui, esta foi a única coleção cuja bibliografia sobre o tema é bastante ampla, incluindo os já citados Marcos Napolitano, Marc Ferro, dentre outras referências como Alcides Freire Ramos e o próprio Mocellin. A visão mais ampla e diferenciada presente no texto pode ser atribuída a uma riqueza de abordagem advinda do conhecimento dos debates em torno da questão.

A coleção de livros didáticos da autora Braick, **Estudar História, das origens do homem à era digital** (2011), apresenta, em um suplemento, orientações diversas voltadas para o professor. O uso de filmes também recebe atenção da autora em item dedicado a este tema. De acordo com ela, o uso de filmes estimula e proporciona aulas mais "interessantes e reflexivas", no entanto, seu uso é uma preocupação pois não tem sido feito de maneira adequada. A autora apresenta um aspecto repetido em outros autores que elogia e ressalta as potencialidades do uso do filme em sala de aula, mas, por outro lado, faz uma ressalva em função do seu uso considerado “inadequado”. Para ela, é inadequado, por exemplo, exibir filmes na íntegra. Por outro lado, também é inadequado exibi-los como uma

“verdade”. Esses dois aspectos são apresentados sem grandes explicações, apenas como interdições.

A autora apresenta algumas perguntas norteadoras: “Como trabalhar adequadamente com o cinema na sala de aula? / Como utilizar o cinema com o objetivo de problematizar o conhecimento histórico e apresentar diferentes visões historiográficas? / Como estabelecer relações entre o conteúdo trabalhado e a representação cinematográfica? ”.

Como resposta, a coleção traz algumas orientações: Alertar os alunos para o fato de que o filme é produto de seu tempo, e, portanto, não é uma verdade sobre o passado. O professor deve assistir ao filme antes e buscar informações sobre o mesmo. Exibir trechos ou integralmente, mas sempre preparando materiais para os alunos com perguntas sobre o filme,

É muito importante que o professor esclareça para os alunos, antes mesmo da exibição do filme, quais são os objetivos com a atividade, aonde ele pretende chegar, o que quer chamar atenção, o que espera que seja analisado ou percebido na obra, que relação pretende estabelecer com o conteúdo.(BRAICK, 2011, p.21)

Ou seja, é importante orientar aos alunos para os aspectos a serem analisados no filme. Nesse sentido, a autora adverte para não transformar em “simples descontração”, e sugere que o professor interrompa o filme, chame atenção para partes, peça que os alunos façam anotações. Além disso, considerando tratar-se de uma sala de aula, sugere não transformar a sala de aula em ambiente de cinema, escuro e com consumo de alimentos. Por outro lado, ressalta a necessidade do estímulo à apreciação artística. Resumindo, o professor deve ter uma intencionalidade com a exibição do filme e deve estimular a reflexão, sem, no entanto, deixar os estudantes se envolverem demais com a magia do cinema, pois esta pode ser “perigosa” no ambiente escolar.

A autora indica, na bibliografia, suas referências, que inclui Marcos Napolitano e Marc Ferro, dentre outros. Nesse sentido, é identificável que ela estabelece um diálogo com os debates acadêmicos sobre o tema através desses autores.

Chama a atenção a reprodução do discurso de alerta em relação ao uso de filmes em sala de aula. Esse discurso, no entanto, não é específico de uma obra, ou presente apenas no universo da produção didática. Esses autores dialogam com uma determinada

produção acadêmica. Assim, de onde vem tanta preocupação com o uso de filmes em sala de aula?

Para estimular a reflexão, podemos perguntar: será que as preocupações com o uso do filme também aparecem na leitura de um texto: “cuidado, um texto não representa a realidade!” “Cuidado, um texto utiliza artifícios de convencimento”! Ou, “leia o texto antes de levar para sala de aula”. “Interrompa a leitura dos alunos para indicar pontos que não perceberam”. Ou, a mesma preocupação na análise de uma fotografia: “cuidado, não é a realidade, é apenas um recorte”. Ou, com um texto historiográfico “é apenas uma interpretação”. Sem entrar em detalhes sobre outros suportes pedagógicos utilizados em sala de aula, a proposta é problematizar essa preocupação com os filmes. Sem questionar a importância dessas orientações, a questão aqui posta é problematizar o diálogo dessas orientações com tradições de análises através dos livros e/ou artigos consultados.

Dentre os livros analisados, as principais preocupações e alertas estão na aparente facilidade de realizar uma atividade envolvendo a exibição de filmes como se fosse de fácil execução. Aparentemente, exibir um filme parece ser simplesmente escolher o mesmo, levar para a sala de aula e exibir. É provável que em

alguns ambientes escolares essa facilidade seja verdadeira. No entanto, conhecendo a situação de variadas escolas, podemos supor que isso não ocorre com frequência. Exibir um filme requer alguma mobilização por parte dos professores, quando existe essa possibilidade. No entanto, de onde parte tamanha preocupação e ênfase na necessidade de preparar as atividades? Serão pautadas pela observação empírica das práticas docentes?

O outro aspecto que chama atenção é a ênfase em direcionar a leitura dos estudantes, seja através da preparação com leituras e pesquisas prévias, seja através de questionários orientadores. Essa metodologia, no entanto, pode ser questionada, apesar de não descartada.

Em uma pesquisa preliminar realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental¹, foi possível perceber que a “preparação” à exibição de um filme em sala de aula direciona a leitura e pode dificultar a identificação da compreensão do próprio aluno. A partir da utilização de uma metodologia que envolvia a preparação de algumas turmas e a não preparação de outras, foi percebido que as respostas dadas pelos estudantes “preparados” foram pautadas mais pelas leituras prévias do que pela leitura do próprio filme. Assim, a

preparação faz com que o aluno utilize, inclusive, um vocabulário a partir das referências textuais e não a partir das suas próprias percepções. E os estudantes que assistiram ao filme livremente demonstraram dificuldade em compreender o filme, mas, por outro lado, colocaram suas próprias visões nas respostas, o que leva o professor a identificar a recepção do filme e a compreensão dos estudantes sobre aquele filme, algo que pode ser “mascarado” com as leituras prévias.

Nesse sentido, essa ênfase constante dada pelas orientações de uso de filmes em sala de aula, na necessidade, quase imprescindível, de direcionar a leitura dos alunos, pode não ser aplicável e nem interessante em toda e qualquer situação. Em alguns casos, pode ser muito mais interessante observar as leituras realizadas pelos alunos a partir de suas próprias percepções. E, a partir daí, iniciar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, o filme pode servir como catalizador de aprendizagem e também como “sensibilização”.

CONCLUSÕES

Com a constante melhoria da qualidade dos livros didáticos, maior preocupação com os diálogos com a

produção acadêmica, os livros passam a incorporar tradições de interpretações e a “vulgarizar” conhecimentos. Nesse aspecto, as preocupações reproduzidas nos manuais analisados podem ser analisadas como indícios desse diálogo.

Uma obra referência, que faz uma ponte entre a produção acadêmica sobre uso de filmes no ensino, e o espaço escolar é o livro de Marcos Napolitano que, apesar de não ser um pesquisador da área específica, ele incorpora os debates desse universo. Em sua obra, frequentemente citada em Manuais escolares, Napolitano (2004) apresenta os “Elementos da linguagem e história do cinema” e orientações básicas sobre como planejar as atividades, seja elas voltadas para temas transversais ou para disciplinas específicas.

Logo na introdução, o autor alega que o cinema não tem sido “bem utilizado” nas escolas pois nesse uso não é considerado a “experiência do cinema” e há um apego às fábulas em si. De acordo com ele, os sentidos dos filmes são construídos a partir do grande aparato técnico e de linguagem e, portanto, se os elementos da linguagem cinematográfica não forem enfatizados não é possível “desconstruir” a abordagem do filme. Segundo o autor, o livro é voltado para aqueles que

querem trabalhar para além da “ilustração das aulas e conteúdos” (NAPOLITANO, 2004).

Napolitano adota uma postura semelhante à do crítico de cinema Jean Claude Bernardet (1988) e autor do livro **Cinema e História do Brasil** que critica o uso de filmes em ambientes “escolares” nos quais o enfoque é mais voltado para o “conteúdo” ou o “tema” do filme, deixando de lado aspectos considerados fundamentais, quais sejam, a linguagem cinematográfica. Ou seja, o autor reforça a ideia de que os filmes têm sido vistos e analisados de “maneira errada”. E essa prática é recorrente em função da suposta carência de materiais que orientem os professores a “irem além” do conteúdo. Isso significaria transformar essa experiência em algo diferenciado em relação às experiências “cotidianas” de consumo de filmes.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIA, C. RIBEIRO, V. "Manual do professor". In: **Encontros com a História**, Curitiba: Editora Positivo, 3ª edição, 2012

APOLINÁRIO, M. R. **Projeto Araribá – História**. Editora Moderna, 3ª edição, 2010.

BERNARDET, J.C., RAMOS, A.F. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

BITTENCOURT, C. “Livros e materiais didáticos de História” in: BITTENCOURT, C.M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, pp.295-324, 2004.

BOULOUS Jr. **A. História, Sociedade e Cidadania**. Edição Reformulada. Editora FTD, 2ª edição 2012

BRAICK, P.R. **Estudar História: das origens do homem à era digital**. Ed. Moderna, 1ª edição, 2011.

COTRIM, G.RODRIGUES, J. **Saber e Fazer História**. Manual do Professor. Editora Saraiva, 7ª edição, 2012

DIVALTE, G.F. VARGAS, J.T. ‘Manual do Professor’ **Para entender a História**. Editora Saraiva, 4ª edição, 2012.

MIRANDA, S.R., LUCA, T.R. “O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD” in: **Revista Brasileira de História**. V.24, n.48, São Paulo, pp-123-144, 2004.

MOCELLIN, R. CAMARGO, R. **Perspectiva História**. Ed. Do Brasil, 2ª Edição, São Paulo, 2012

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Recebido em: 30/03/2016

Aprovado em: 18/05/2016

Publicado em: 06/08/2016

NOTAS

ⁱ Pesquisa apresentada no XXVIII SNH (2015), no Simpósio Temático “Aprendizagem e formação da Consciência histórica na educação escolar”.